ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

UM SER EM BUSCA DA AUTENTICIDADE

LÉA DA CRUZ BARBOSA

82.09
B238u
Ex1
C92569620

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário d... Lacerda - MT
RG Nº 7457
Data 06 / 11 / 02

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002.

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

UM SER EM BUSCA DA AUTENTIDADE

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT/ Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profª. Ms. Madalena A. Machado.

Pontes e Lacerda, agosto de 2002.

DEDICATÓRIA

A todos que compreendem a beleza que há em percorrer os caminhos, aos quais a Literatura nos leva.

À minha Leandrinha, porque iluminou meu caminho.

À vovó, Sebastiana Cândida, porque ficou encantada e está sempre em minha lembrança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo Marcos e minha filha Leandra Evelyn, pela compreensão e apoio nos momentos difíceis.

Em especial aos meus pais, Getúlio e Brandina porque me ensinaram crer que tudo posso nAquele que me fortalece.

Aos meus colegas, Késia, Vanderluce, Remédios, Sidney, Paulo Henrique, Reinan e Everaldo, porque com suas presenças amigas tornaram mais alegre esta caminhada.

À professora Madalena porque aceitou orientar-me, e o fez com competência e seriedade.

Aos meus familiares porque pelo simples fato de existirem, tornam mais suave a minha existência.

"– Vai, meu Mocinho. Chegou o de ir. Não por fuga, nem por canseira daqui, nem por medo. Mas, o que eu sei, e seu coração sabe, é que a razão da vida é grande demais, e algum outro lugar deve de estar esperando por você..."

GUIMARÃES ROSA

SUMÁRIO

Introdução.....07

1- Questionamentos interiores.....08

2 – "A terceira margem do rio": a estória.....12

3 – O Existencialismo: uma corrente filosófica 14

4 – "A terceira margem do rio" dentro de uma estética literária..... 20

5 – "A terceira margem", uma difícil decisão.....22

Considerações finais.....31

Bibliografia.....32

INTRODUÇÃO

Desde o primeiro contato que tivemos com a produção literária de João Guimarães Rosa, identificamo-nos imediatamente com sua maneira ímpar de escrever. Optamos então, por trabalhar o conto "A terceira margem do rio", narrativa exposta no livro **Primeiras estórias** (1988). A riqueza de significações deste conto concernente à metáfora da existência humana, é condição primordial na interpretação objetivada neste trabalho monográfico. Redigido com base no Existencialismo, nossa leitura crítico-reflexiva intenciona entender os caminhos existenciais percorridos pelo personagem-narrador do conto supracitado, que será estudado, tendo em vista sua difícil tragetória de Ser massificado, imerso num cotidiano impessoal cujas condições impedem-no de atingir o autoconhecimento. que forneceu-nos os meios para a análise desta obra, procuramos entender os caminhos percorridos pelo personagem-narrador em sua difícil trajetória de ser massificado, que jamais atingiu o autoconhecimento.

1- QUESTIONAMENTOS INTERIORES

A produção literária de João Guimarães Rosa, atrai inúmeros leitores, independentemente do estilo em que se enquadra. Discutindo o prazer estético proporcionado pela narrativa ou refletindo sobre a riqueza de significados que a obra oferece, nossa proposta intenciona confirmar hipóteses interpretativas do conto "A terceira margem do rio", atribuindo-lhe um significado pautado pelo pensamento filosófico-existencialista.

Muitos dos escritores modernos deixaram-se enlevar pelos questionamentos suscitados pelo Existencialismo, que desde a sua propagação por Heidegger ao publicar **Ser e tempo** em 1927, tem influenciado grandemente as produções artísticas nas suas diversas áreas. João Guimarães Rosa foi um desses, sempre preocupado com as questões da existência e, isto permeou toda a sua obra. Dentre ela, escolhemos para trabalhar o livro **Primeiras estórias** que é o penúltimo publicado por Guimarães Rosa, cinco anos antes de sua morte. O título é explicado pelo fato de serem as primeiras estórias que o autor escreveu no gênero de histórias curtas na linha do conto tradicional. São vinte e uma estórias que abrangem diferentes facetas do gênero: a psicológica, a fantástica, a autobiográfica, a anedótica, e a satírica, indo do cômico ao trágico, do patético ao lírico, do sarcástico ao erudito e deste ao popular, mas todas trazem a marca do estilo inconfundível do autor,. a exploração de uma maneira bela, de arcaísmos e da linguagem simples, profunda e pura do povo dos sertões brasileiros, aliada a criação de neologismos. São estórias que passam-se num tempo e espaço de difícil identificação, talvez porque obedeçam ao tempo da consciência e aconteçam no espaço sem fronteiras da imaginação. Algumas estórias

oferecem escassos elementos que possibilitam a especulação sobre sua localização, possivelmente todas ambientam-se em Minas Gerais, terra natal do autor e cenário da maioria de suas estórias.

O livro possui alguns contos de cunho filosófico, como "Nenhum, nenhuma" e outros, dentre os quais destacamos "A terceira margem do rio", pois acreditamos ser ele uma obra feita, segundo o pensamento existencialista, abrindo possibilidades para inúmeros questionamentos, tais como: o que pode ser considerado real ou irreal? O que é a existência? O que faz de nós o que somos, seriam nossas escolhas ou obra de um "Destino" predeterminado? O que pode ser considerado "loucura" e o que é ser "normal"? Até que ponto conhecemos a nós mesmos?

"Nenhum, nenhuma" poderia ser um misto de autobiográfico e transcendente. É algo inusitado — como todos os outros contos — mas leva-nos a questionar: o que é lembrança, o que é sonho? Também é uma forma de o autor falar sobre a existência, pois o conto está impregnado de falas que nos sugerem a busca da compreensão de nossa existência. Leva-nos a questionarmos sobre o que seremos ou faremos depois da morte, o que ficará na nossa lembrança depois da "passagem"? Algo realmente ficará na nossa lembrança, ou nos esqueceremos de tudo que vivemos e das pessoas que amamos? Será que teremos oportunidade de voltarmos para retomar o que ficou suspenso no ar? Essas são perguntas que vêem a nossa cabeça ao lermos esse conto que parece ser o retorno do narrador a tempos passados, a sua infância. O que o narrador relata acontece realmente nesta vida? Talvez, mas se buscarmos as minúcias possivelmente chegaremos a conclusão de que ele fala de um passado tão remoto e inacreditável que quem sabe ele só exista na imaginação do narrador, assim como a possibilidade de a velha Nenha continuar viva após tantos e tantos anos, vendo gerações passarem por ela . O narrador relata acontecimentos passados que de modo involuntário ele conseguiu alcançar:

> "Na própria precisão com que outras passagens lembradas se oferecem, de entre impressões confusas, talvez se agite a maligna astúcia da porção escura de nós mesmos, que tenta incompreensivelmente enganar-nos, ou pelo menos, retardar que perscrutemos qualquer verdade." (ROSA, 1988, p. 48) (...) Tenho de me lembrar. O passado é que veio a mim, como uma nuvem, vem para ser reconhecido: apenas não estou sabendo decifrá-lo" (ROSA, 1988, p. 50)

Mas, ao falar da porção escura de nós mesmos, o narrador refere-se à dualidade do Ser, em que uma parte de nós mesmos tem conhecimento de tudo por que passamos, mas de alguma maneira leva-nos ao esquecimento, talvez como forma de proteção. Estaria ele conseguindo recuperar acontecimentos a muito guardados em seu inconsciente?

O conto "Nenhum, nenhuma" tem como narrador, uma criança que após crescida e modificada pelo tempo, volta ao seu passado "Tenho de me recuperar, desdeslembrar-me, excogitar — que sei? — das camadas angustiosas do olvido. Como vivi e mudei, o passado mudou também. Se eu conseguir retomá-lo..." (ROSA, 1988, p. 51), e metaforicamente fala-nos da trajetória da existência interior de um ente, que em busca de seu autoconhecimento total, sabe que precisa adquirir o equilíbrio, ou seja, transcender: "As nuvens são para não serem vistas. Mesmo um menino sabe, às vezes, desconfiar do estreito caminhozinho por onde a gente tem de ir — beirando entre a paz e a angústia." (ROSA, 1988, p.49). Neste trecho temos o princípio básico do Existencialismo, mais uma vez destacado na obra de Guimarães Rosa, pois para se configurar autêntico de acordo com Martin Heidegger, o Ser deve desde a sua mais tenra idade vencer essas dúvidas e trilhar o "caminhozinho" que o levará a entender: "Tem horas em que, de repente, o mundo vira pequenininho, mas noutro de-repente ele já torna a ser demais de grande, outra vez. A gente deve de esperar o terceiro pensamento" (ROSA, 1988, p. 54). Assim como em "A terceira

margem do rio", o conto "Nenhum, nenhuma", propõe-nos um ser que ao rememorar seu passado, analisa-o criticamente, voltado para um autoconhecimento objetivando a autenticidade. Contudo ao lermos esta narrativa compreendemos que, ao contrário do personagem de "A terceira margem do rio", o Menino do segundo conto, desde criança mostra-se alguém preocupado com a atenção demasiada que os pais dispensam ao cotidiano. Diante do comodismo deles ao sustentar uma vida conjugal de aparências, evidenciada por esta inquietação, atinge uma situação-limite, na qual a consciência do personagem reflexivo exige uma busca de algo integrante na sua formação. Entretanto por algum motivo ficou esquecido no passado longínquo de sua infância. Podemos comprovar isto ao depararmos com sua afirmação: "Como vivi e **mudei**, o passado **mudou** também." (ROSA, 1988, p. 51), isto é, ele mudou sua maneira de encarar o mundo e os sentimentos, por isso precisa lembrar-se para retomar o caminho da autenticidade.

2 - "A TERCEIRA MARGEM DO RIO": A ESTÓRIA

A alusão ao "terceiro pensamento", feita no conto "Nenhum, nenhuma", remete-nos ao objeto de análise deste trabalho: o conto "A terceira margem do rio", que como o primeiro também é uma metáfora da existência do Ser "beirando entre a paz e a angústia". O sexto conto do livro **Primeiras estórias,** como a maioria dos demais, acontece num lugar e tempo não identificados, e é antes de mais nada, uma alegoria da existência humana, da trajetória singular de um Ser na busca de autenticidade. Narrado na primeira pessoa do singular, o conto fala da estória do pai do eu-narrador, um homem calado, voltado para dentro de si-mesmo, casado com uma mulher comum, que governa a vida de toda a família. Um dia, esse homem manda construir uma pequena canoa, despede-se da família e começa a navegar no rio que passa próximo à casa deles. Ao sair, o pai chama o filho que era ainda uma criança, este apesar de manifestar o desejo de seguí-lo teme a reação da mãe, por este motivo é repelido pelo pai que o manda retornar:

> "Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, dez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor leva junto, nessa **sua** canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás." (ROSA, 1962, p. 33)

Depois de entrar no rio o pai não sai mais, apesar dos pedidos de toda a família, também dos vizinhos e até mesmo da polícia, mas não vai embora dali. O filho fornece alimentos e roupas às escondidas para o pai e, enquanto os anos passam, toda a família vai embora, inclusive a mãe, só ele permanece, preso a eterna culpa de não ter sido forte o suficiente para seguir o pai. O tempo passa e o pai

continua lá no rio enquanto o filho envelhece à margem, cuidando dele. As dúvidas sobre si mesmo assaltam este filho que procura a causa, a explicação para sua incapacidade e não encontra, mas algo o segura, o impede de partir, ele sente-se preso porque ainda não conquistou a própria liberdade interior, que o levaria ao desprendimento das preocupações cotidianas. Por isso ele alimenta o pai — como se estivesse alimentando a própria coragem — na esperança de que um dia ele mesmo tivesse também a força dele, para conseguir então o perdão pela incapacidade de ser, sendo:

> "Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito." (ROSA, 1988, p. 35)

Um dia tomado pela inquietação ele esboça uma decisão: chama o pai à margem do rio e diz que pretende substituí-lo na canoa, que agora é a vez dele mesmo, morar no rio. O pai pela primeira vez atende a um chamado, acena de longe e dirige-se para a margem pois sente que deste momento em diante o filho poderá nortear o próprio destino, saindo de tão longo mar de indecisão e anonimato. Mas ao ver o pai aproximando-se, forte, decidido, muito grande em sua existência, o filho fraqueja, não é capaz de desempenhar uma missão tão difícil e foge apavorado, prefere refugiar-se eternamente na alienação. O velho pai desaparece, nunca mais é visto por ninguém e o fez porque finalmente teve a certeza de que o filho era irremediavelmente fraco. O filho vive agora com a dor e a culpa do arrependimento, sente-se um nada e quer apenas ser colocado numa canoa e vagar para sempre no rio.

3 - O EXISTENCIALISMO: UMA CORRENTE FILOSÓFICA

Como quase tudo que escreve Guimarães Rosa, "A terceira margem do rio" é uma parábola que pode ser lida e interpretada sob a perspectiva filosófica do Existencialismo e pretendemos destacar os questionamentos existenciais que ela desperta, pois está voltada para os conflitos internos do eu, não visa especificamente o mundo concreto, mas, segue o fluxo do pensamento, da existência interior, de modo que ao lermos esse conto, somos levados a questionar-mo-nos também, a buscar respostas que dêem sentido a nós mesmos, e é disto que trata o Existencialismo. Esta corrente filosófica tem como seu maior representante o filósofo alemão Martin Heidegger, que foi aluno de Husserl, consagrou-se ao publicar em 1927 o livro **Ser e tempo**, que tornou-se um marco revolucionário para o pensar do século passado e, também do presente mas, apesar de toda essa repercussão ele insistia em afirmar que não era existencialista, pois apenas pretendeu fazer uma análise do problema do Ser.

Martin Heidegger usa a fenomenologia — a ciência que estuda os objetos assim como aparecem para a consciência — para desenvolver a sua ontologia da compreensão, segundo a qual a vida cotidiana do homem é inautêntica, não é verdadeira, pois o homem é lançado no mundo sem ser questionado a respeito, isto é, o universo em que ele irá conviver já está pronto. A isso ele chama facticidade:

> "A facticidade consistiria no fato de o homem estar jogado no mundo, sem que sua vontade tenha participado disso. Para Heidegger, mundo não significa o universo físico dos astrônomos, mas o conjunto de condições geográficas, históricas, sociais e econômicas, em que cada pessoa está imersa." (HEIDEGGER, 2000, p. 07)

O homem gradativamente, por meio de sua consciência iria atribuindo sentido ao mundo em que surgiu, pois ele olharia para o mesmo sempre com a intenção de desvendá-lo. No conto, que ora analisamos, o pai é um Ser que já adquiriu sua autenticidade ao mandar fazer para si uma canoa e entrar no rio, mesmo contra a vontade de todos, ao passo que o filho está à deriva entre dar sentido à própria existência ou viver à sombra do pai, ou seja, ele não superou a facticidade:

> "Se o homem é lançado no mundo de maneira passiva, pode tomar a iniciativa de descobrir o sentido da sua própria existência e orientar suas ações nas direções as mais diversas. A isso se chama *transcendência*. Nesse processo, o homem descobre a sua *temporalidade*, pois, ao tentar compreender o seu ser, dá sentido ao passado e projeta o futuro. Ao superar a facticidade, atinge um estágio superior, que é a *Existenz*, a pura existência do *Dasein*." (ARANHA, 1992, p. 325)

Se o homem desvia-se do próprio projeto, enlevado pelas preocupações diárias, então ele torna-se apenas mais um no meio da massa, desvia-se de si-mesmo e vegeta no anonimato. No conto encontramos um personagem representativo do ser massificado, a quem o filho pensa ter de obedecer, e por isso teme seguir o pai, esse personagem é a mãe do narrador, sempre preocupada com coisas cotidianas,. "Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu." (ROSA, 1988, p. 32). Ela também demonstra preocupar-se com a opinião dos outros, pois vive segundo conceitos alheios, é um ser inautêntico, por isso faz de tudo para manter as aparências: "Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira."(ROSA, 1988, p. 33).

E é essa mãe que dá demasiada importância ao pensamento alheio, não encarando a verdade, assim influenciando negativamente o filho, levando-o também à inautenticidade, porque o seu caráter é fraco e acha mais fácil ceder à mãe do que seguir o belo e difícil exemplo do pai.

Para chegar a autenticidade é preciso que o ser supere a facticidade na qual fatalmente mergulhará pois, por estar extremamente envolvido em seu cotidiano ele recusa-se a reconhecer-se como dono de seu próprio destino:

> "A angústia — segundo Heidegger — é, dentre todos os sentimentos e modos da existência humana, aquele que pode reconduzir o homem ao encontro de sua totalidade como ser e juntar os pedaços a que é reduzido pela imersão na monotonia e na indiferenciação da vida cotidiana." (HEIDEGGER, 2000, p. 8)

De acordo com Heidegger, dessa situação-limite nasce a possibilidade de uma escolha para o homem: ele pode voltar para o seu anonimato, viver a vida segundo idéias e conceitos alheios ou transcender a condição de ser excessivamente preocupado com o cotidiano, superar o mundo e também a si mesmo, projetando-se no tempo em direção ao futuro, tornando-se um ser-em-comum, que interessa-se pelo outrem. O filho via apenas uma preocupação: o próprio bem-estar e, essa preocupação fazia-o esquecer-se das outras pessoas, pois era um constante lembrar a si mesmo, de sua fraqueza, em comparação com a abnegação do pai. Segundo o Existencialismo, a transcendência deve tornar-se um processo contínuo em que o homem estaria sempre objetivando novas possibilidades e, este constante estado de tensão entre aquilo que é e o que pode vir-a-ser, seria a inquietação que dá estrutura ao ser do homem, prendendo-o ao passado ao mesmo tempo que lança-o para o futuro, que estimula-o a assumir seu projeto de ser, afirmando sua presença no mundo.

O personagem do conto de Guimarães Rosa, pode ser visto como alguém que renunciou ao seu projeto pessoal de vida em favor de viver na ilusão de um dia ser como o pai, mas sem tomar nenhuma atitude que o levasse a isso. Ele pode ser visto também como alguém que nem mesmo conseguiu elaborar um projeto inicial de vida, abrindo mão disto em virtude de sua indecisão e usando o cuidar do pai

como uma desculpa para si mesmo, para a sua impossibilidade de descobrir-se como um ser autêntico, poupando-se de assumir um destino próprio, independente do pai e, quando a angústia toma conta de seu ser a situação torna-se insustentável, e podemos interpretar esta atitude à luz do que afirma Heidegger em sua filosofia, estampada em **Ser e tempo** (1927): para chegar a uma existência autêntica, o ser humano deve "transcender" pois, "A angústia faria o homem elevar-se da traição cometida contra si mesmo, quando se deixa dominar pelas mesquinharias do dia-a-dia, até o autoconhecimento em sua dimensão mais profunda." (HEIDEGGER, 2000, p. 8).

Esta angústia não é causada por coisa alguma no mundo, pois tudo torna-se sem sentido, tudo torna-se nada para o angustiado, ele próprio sente-se um nada, devido à perda da possibilidade de expressão interior e é assim que se sente o filho ao pensar sobre sua própria vida e sobre o pai, a força dele só faz aumentar sua angústia:

> "Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrenguice de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais." (ROSA, 1988, p. 36)

O filho é um ser-para-a-morte, pois descobre que sua angústia origina-se do mundo como um todo, que aniquila todas as coisas ao seu redor e o direciona para o nada. Isto possibilita a ele, olhar criticamente sua existência, no limiar da morte, direcionando-o para um caminho certo. Isto pode ser visto no conto, no momento em que o filho, já completamente desanimado diante de sua situação de incerteza quanto ao futuro, deseja a morte, para que seja depositado no rio dentro de uma canoa, ou seja, ele vê a morte como uma tábua de salvação.

Um leitor desavisado diria que o conto é estranho, talvez até sem nexo, que a situação é inverossímil e que uma pessoa jamais conseguiria viver anos dentro de

uma canoa, tudo isto é verdade para um olhar superficial baseado no mundo objetivo, que trata como "estranho" tudo que não se adequa aos seus conceitos. Aceitaríamos os argumentos se não soubéssemos que o conto é na verdade uma metáfora da existência humana e, que é preciso ir além do óbvio, alcançar a terceira margem do rio, a outra possibilidade de enxergar o mundo, mergulhar no texto e descobrir que nele cada frase está impregnada da intenção de propor ao leitor, colocar-se frente a frente consigo mesmo, repensando a própria existência, pois ele nos dá a real dimensão da enorme responsabilidade que temos em escolher nosso próprio destino, nos dá a consciência inegável de que somos donos e únicos responsáveis pelo que fizermos de nós mesmos e, constatamos isso quando lemos que o pai sem se importar com o que pensavam as outras pessoas, disse apenas adeus e se foi para sempre, apenas ele poderia tomar essa decisão, assim como cada um de nós deve decidir o próprio destino.

> "Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. (...) Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalcou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação." (ROSA, 1988, p. 32)

Assim, o pai, com a serenidade de quem sabe o que quer e já não debate-se entre o ser ou não ser, se foi. Para ele nada mais faltava, ele possuía tudo o que precisava: sua paz, sua coragem, sua força interior.

"A terceira margem do rio" possibilita-nos uma leitura intensa e envolvente, pois dialogamos com o texto colocando-nos no lugar do personagem quando analisamos sua angústia frente às decisões que não considera capaz de tomar e por isso "fabrica" desculpas para si; sua eterna tristeza porque não foi forte o bastante para ir até o fim na única escolha que esboçou, enfim a maneira com que ele se comporta diante dos acontecimentos que se desenrolam a sua frente e o que faz de

sua vida. O personagem desse conto representa um ser humano cheio de conflitos, mal resolvido consigo mesmo: "Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro."(ROSA, 1988, p. 36), cheio de medo, e até certo ponto, covarde diante de seu futuro, pois não vê mais perspectivas: "Sofri o grave frio dos medos, adoeci. (...) Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo." (ROSA, 1988, p. 37). O conto se encaixa perfeitamente nos moldes do Pós-modernismo, isto é, traduz sua maneira peculiar de sondar os recantos escondidos da alma humana, com a intenção de desvendá-la, tornando-a mais compreensível.

4 - "A TERCEIRA MARGEM DO RIO" DENTRO DE UMA ESTÉTICA LITERÁRIA

O livro **Primeiras Estórias** de Guimarães Rosa, no qual o conto "A terceira margem do rio" está inserido, foi — como já dissemos — publicado pela primeira vez em 1962, e podemos visualizá-lo na estética pós-modernista, por apresentar questões referentes à verdade do ser, repensar conceitos, entre outros. Segundo Salvatore D'Onofrio em **A Literatura Ocidental** (1997) a Literatura do século XX, como ele prefere chamar, compõe-se de vários movimentos que de uma maneira geral, defendiam a ruptura com as tradições acadêmicas, desejo de encontrar novas formas estéticas, mais aptas a exprimir a dinâmica da nova realidade existencial. O conto "A terceira margem do rio", apresenta o pensamento que move o Pós-modernismo: essa miscelânea de teorias que contribuem cada uma a sua maneira para se chegar ao autoconhecimento, visando o ser autêntico e instigando-nos a sair do lugar-comum, buscando a nossa própria verdade, construída com base na busca incessante do conhecimento proporcionado pela leitura observada na vivência de um sujeito desmistificado, sem pré-conceitos.

Destaca-se em "A terceira margem do rio", esta tendência pós-modernista de questionar o racionalismo por meio da exploração de outros níveis da realidade, baseada numa lógica que contempla as dicotomias, levando a uma pluralidade de conclusões e possibilidades, como às que podemos chegar ao ver o conto que analisamos. Por meio da perspectiva filosófico-existencialista, com sua visão antropocêntrica que discute o problema da existência e apregoa que o único meio de chegar-se à autenticidade é vencendo a massificação por meio do autoconhecimento,

simultaneamente rejeitando as ideologias que aprisionam o homem. Assim, podemos adentrar no ser do personagem, sondando os recônditos de sua alma, visando extrair dele a sua essência, seja ela autêntica ou não.

5 - "A TERCEIRA MARGEM", UMA DIFÍCIL DECISÃO

A complexidade do ser é algo que atrai a todos que procuram desvendar os mistérios da existência e entender os caminhos que percorremos na procura de ser. O conto "A terceira margem do rio" de Guimarães Rosa, apresenta duas personagens dentro destes pressupostos. De um lado o pai, um homem, aparentemente calmo, normal, mas totalmente voltado para a busca de si-mesmo: "Do que mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto." (ROSA, 1988, p.32). Durante toda a sua vida, esse homem procurou sua própria verdade e, a atitude considerada "estremada" que ele tomou, podemos deduzir que foi algo planejado durante muito tempo e quando decidiu, só aí adquiriu força e serenidade ao mesmo tempo: "Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa" (ROSA, 1988, p. 32). Ele alcançou o estágio mais avançado de sua existência, conquistou sua liberdade interior, foi fazer o que queria sem se importar com os outros, com a força de quem sabe o próprio potencial, sem se prender a barreiras alheias ou pessoais. Ele deixou de ser apenas mais um, para ser o homem que aportou na terceira margem do rio da existência, aquela margem que só cada um pode construir para si-mesmo. Em outras palavras, o personagem representa uma criatura autêntica, segundo as prerrogativas do Existencialismo: "E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta. Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalcou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação." (ROSA, 1988, p. 32). Nesse momento, o pai tinha apenas o seu ideal em mente, nada poderia demovê-lo.

Do outro lado, temos o filho que conta a história do pai e tenta entender, após muito tempo o que aconteceu. O filho representa o sujeito vacilante entre o ser e o não ser, desperta-nos para a compreensão de que são nossas escolhas que direcionam nosso destino. Quando o pai resolve entrar no rio, o filho era ainda uma criança, admirava o jeito calmo e decidido do pai mas temia a mãe: "Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito." (ROSA, 1988, p. 32, 33), quando o pai o chama para seguí-lo, e ele manifesta esse medo, então o genitor compreende que sua reticência em decidir, é um prenúncio de que ele já está contagiado pela mãe e, sendo assim, o pai ordena que ele retorne. Neste momento começou uma luta dentro deste filho, pois seu desejo lhe despertava medo. Benedito Nunes em seu livro **Passagem para o poético** (1986), dá-nos uma idéia de como este processo é desencadeado:

> "Capitulado por Descartes entre as paixões secundárias, como representação inibidora do desejo, o temor sobrevém tanto da presença de um outro Dasein quanto da Natureza e dos utensílios. O que se teme é sempre algo intramundano; um perigo a que se está exposto, surdindo de determinada paragem, em sítios tornados infamiliares, em relação aos quais nunca se está à vontade. Só um ente em que o ser está em jogo é capaz de atemorizar-se. A facticidade o expõe ao desabrigo de seu ser-no-mundo, de seu aí, e nisso reside o perigo que o torna essencialmente vulnerável. O porquê do temor — o perigo temível — é o próprio Dasein, entregue a si mesmo. Não somos temerosos por nos sentirmos ameaçados, mas nos sentimos ameaçados por sermos temerosos. Abrindo uma possibilidade do ser humano, o temor revela a sua essencial vulnerabilidade, de que a angústia é o fenômeno fundamental." (NUNES, 1986, p. 108)

Dessa forma, entendemos que "Na terceira margem do rio", o filho ao temer a mãe mostra sua fraqueza e, esse sentimento é o começo de todo um processo de questionamentos, de incerteza diante de si mesmo. O filho, depois disso, começa a se questionar se deve seguir o pai ou permanecer "com as bagagens da vida", sem ir em busca de sua própria existência. O personagem-narrador sente-se angustiado,

forçado a tomar uma decisão fatal que pela primeira vez será somente sua, pois ele viveu anos a ruminar o fato de seu pai não tê-lo aceito, por isso ficava a elogiar o pai, admirando-se sempre de sua grandeza: "E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasiada das enchentes". (ROSA, 1988, p. 35). Mas nem sempre uma decisão é fácil de ser tomada, principalmente uma que mudará completamente o rumo de uma vida. O filho passa por todo esse angustiante processo até o momento final em que ele deverá vencer a facticidade e finalmente ser autêntico, mas, não é o que acontece, ele mais uma vez teme, ainda não está pronto e a conseqüência dessa indecisão é mais tristeza e sofrimento: "Eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão." (ROSA, 1988, p.37), com isso o filho tem consciência de que sua vida foi em vão, ele sente-se como alguém deslocado, enquanto não for capaz de navegar nas águas do rio da existência.

Envolta numa névoa de mistério, a narrativa desenrola-se e, a cada frase temos uma certeza: ela traduz com fidelidade a filosofia existencialista e, por isso mesmo é cativante, porque nos induz, e nos vemos inevitavelmente fazendo as mais variadas conjecturas a respeito das escolhas que o narrador-personagem faz, ou deixa de fazer ficando à mercê do pensamento massificado.

Pelas informações que o texto nos fornece, não conhecemos praticamente nada do filho no seu exterior, o autor não se atem a descrições físicas suas porque o que importa para ele é o abismo profundo de sua alma, na eterna busca da compreensão total do ser, atitude comum nos autores contemporâneos.

Em **A personagem de ficção** (1997) Antonio Candido nos diz que o personagem de ficção é sempre visto como complexo e múltiplo, pois na sua construção geralmente são combinados inúmeros elementos de caracterização,

incontáveis até, se os compararmos aos traços humanos que encontramos no modo de ser cotidiano das pessoas. Essa composição de elementos, é utilizada pelo autor obedecendo a uma lógica determinada, de forma que um personagem como o de "A terceira margem do rio", pode indiscutivelmente ser um parâmetro para pessoas reais, pois apesar do inusitado da situação vivida por ele, a narrativa é coerente e isso se deve a limitação imposta pelas orações, devidamente enxugadas pelo autor na elaboração do texto, de maneira que o personagem torna-se convincente, traduzindo os conflitos vividos pelas pessoas diante das escolhas que têm de fazer, para moldar seus destinos. Sendo assim, é na ficção que o "homo fictus" torna-se transparente à nossa visão, por se tratar de um ser puramente intencional, projetado pela construção da escrita. O autor dirige nosso olhar por meio de aspectos selecionados de certas situações do comportamento e/ou aparência física sintomáticos de certos estados ou processos psíquicos, de atributos em geral e de aspectos de sua intimidade: "Eu mesmo tinha achaques, ânsia, cá de baixo, cansaços, perrenguice de reumatismo." (ROSA, 1988, p. 36). Assim, o leitor passa a dialogar com o texto, tornando um personagem inesgotável e insondável, aberto à inúmeras leituras, pois os personagens de ficção são extremamente mais ricos de significado, devido ao processo pelo qual passam na concentração, seleção, densidade e estilização do contexto imaginário que termina por reunir os fios dispersos da realidade, num padrão consistente e firme.

O personagem principal, narra em primeira pessoa, participa da ação, envolve-se nela, mas não conhece o interior das pessoas ao seu redor, que são colocadas no conto como peças estratégicas pelo autor: a mãe, uma irmã, um irmão, os parentes, os vizinhos, cada um tem sua importância particular na construção da metáfora da existência de uma pessoa real, como qualquer outra, mas são como adornos necessários de um ambiente, de forma que suas descrições interiores são dispensáveis, mas suas presenças não, pois eles integram o processo da formação do

filho, como a mãe que é um personagem representativo do ser completamente massificado, que optou por viver no anonimato, sem se questionar a esse respeito, influenciando nas decisões do filho. Este mostra-se perdido em relação ao futuro, portanto, o que transparece para o leitor é o interior desse personagem conturbado e indeciso quanto ao seu destino, que ele movido pela insegurança não soube seguir, e então desviou-se do rumo que seria o mais aceitável para si: uma vida autêntica. Isto possivelmente foi a causa de sua busca interminável da compreensão das atitudes e da vida interior do pai.

Há algo que chama muita atenção em toda a estória, a comunicação entre os personagens é bastante restrita, entre o pai e o filho ela é quase nula, mas o filho até inventa e externa para as pessoas, situações em que ele e o pai convivem e este ensina-lhe coisas boas que normalmente um pai ensinaria, "Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: - "Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim..."; o que não era o certo, exato; mas que era mentira por verdade" (ROSA, 1988, p. 35). Encontramos aqui o personagem mascarando a verdade, na sua preocupação medíocre de forjar uma realidade aparentemente normal aos olhos do mundo, quando na verdade ele invejava o interior do pai, pois não ignorava a aparência exterior do mesmo. Para o filho era uma mentira que ele gostaria muito que fosse verdade, tal a admiração que tem pelo jeito de ser do pai.

> "Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pelos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia. (ROSA, 1988, p. 35)

Aqui vemos o filho assinalando para si mesmo, qual será o preço de uma decisão que porventura venha a tomar. O fato de o pai recusar as peças de roupa que lhes são oferecidas, de quase não se alimentar, comendo apenas o necessário para continuar vivo, lembra-lhe que ser autêntico, é um constante renovar de escolhas, um constante projetar-se no futuro, uma constante tensão entre o que se é e o que pode vir a ser. Gradativamente o filho vai-se saturando da culpa e ora busca desculpas para si, ora encara sua fraqueza na descrição do sacrifício do pai:

> "O severo que era, de não se entender de maneira nenhuma, como ele aguentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis do meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se ir do viver. (...) Não adoecia? E a constante força do braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro." (ROSA, 1988, p. 35)

O constante relembrar do filho, a respeito da condição do pai dentro do rio é uma alegoria de seu medo diante da vida, ele tem orgulho da força do pai, até inveja, mas tenta dizer para si mesmo que é mais cômodo ficar na margem segura, não entrar no turbilhão da vida e portanto não arriscar. Sustentar uma existência autêntica exige decisão firme, coragem para enfrentar os desafios e manter-se no rumo certo, sem ceder às fraquezas do dia-a-dia. Exige entender o quanto é mais fácil e confortável, aceitar o que os outros impõem, em vez de perscrutarmos a nós mesmos em busca de nossa verdade, fazer o próprio julgamento diante das situações com as quais nos deparamos. O pai não "faz conta do se ir do viver", não leva em consideração o que os outros pensam a seu respeito, porque ele vive segundo seus próprios preceitos, a vida cotidiana, medíocre não o atrai, e isso incomoda o filho, pois a todo momento lembra-lhe o quanto ele é temeroso e inferior ao pai. A força

deste o assusta porque ele desconhece esta qualidade: "Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa?" (ROSA, 1988, p. 36).

O filho manifesta uma tendência de justificar para o mundo a sua devoção pelo pai: "Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio." (ROSA, 1988, p. 35), diz que ficou porque não poderia abandoná-lo, quando na verdade o que o segura é a culpa incessante por ser quem é, diferente do pai. Quando ele se pergunta se algum dia o pai não irá fraquejar, ou porque não desaparece de uma vez, no fundo ele deseja que isso aconteça, pois assim lhe trará alívio para a consciência atormentada, que a presença do pai teima em avivar: " Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não encontrável? Só ele soubesse." (ROSA, 1988, p. 35).

No conto, encontramos referência à atitude do pai como se fosse "doideira", ou seja, para as pessoas, o que foge de seus padrões massificados, é considerado "loucura", desta forma, ao tomar uma atitude diferente o pai é discriminado e visto como um ser estranho, que causa até vergonha a quem está vinculado, por isso todos, inclusive a família, evitam falar a palavra crucial.

O filho relata que todos da família partiram, insensíveis ao destino do pai, mas ele diz para si mesmo que tem um motivo nobre para ficar: "**Eu** fiquei aqui, de resto, **Eu** nunca podia querer me casar. **Eu** permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo" (ROSA, 1988, p. 35 e 36). Esta justificação mostra uma preocupação demasiada com a opinião dos outros, e a centralização em si mesmo, caracterizada pelo uso constante da palavra "eu", não denotando uma interioridade satisfeita, o que o caracteriza como um ser inautêntico.

Quando a culpa chega ao limite do suportável, o filho compreende que depende dele tão somente, o alívio para sua angústia. Então não pensa mais, apenas age, já pleno de certeza, está decidido neste momento, nega a tudo o que o prendia à margem, ao estabelecido e vai ao encontro do pai, ou de si mesmo:

> "Sem fazer véspera. Sou doido? Não. (...) Ninguém é doido. Ou, então todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, uma quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo." (ROSA, 1988, p. 36)

Nesta hora ele é apenas certeza, o que o pai quer é que ele o substitua na canoa, mas será que ele realmente alcançou sua total compreensão? Por quê o pai precisava abandonar o rio, ceder o lugar para ele? O mais correto não seria ele mesmo "mandar construir para si uma canoa", ao invés de querer ocupar o lugar do pai? Não estaria ele agindo de má fé? Parafraseando Sartre no que ele chama de espírito de seriedade, Maria Lúcia Aranha nos diz o seguinte:

> "A má fé é a atitude do homem que finge escolher, sem na verdade escolher. Imagina que seu destino está traçado, que os valores são dados; aceitando as verdades exteriores, "mente para si mesmo", que é o autor dos seus próprios atos. Não se trata propriamente de uma mentira, pois esta supõe os outros, para quem mentimos. A má fé caracteriza-se pelo fato de o indivíduo dissimular para si mesmo, a fim de evitar fazer uma escolha, da qual possa se responsabilizar. (...) Perde a transcendência, reduz-se à facticidade." (ARANHA, 1992, p. 329)

Sendo assim, acreditamos que o filho tomou a decisão capaz de alterar o ritmo de sua existência, fazendo com que o pai entendesse seu atual posicionamento.

Entretanto, ao se aproximar da margem, teve oportunidade de confirmar o caráter do filho quando este não sustentou sua vontade mais intrínseca. O narrador ao relatar a situação enxergou no pai alguém que ele nunca seria, como se fosse o fantasma de seu futuro, o tempo do qual ele fugiu toda vida. O personagem reflexivo de sua existência, receoso de se colocar enquanto autêntico, "se tirou de lá", fugiu apavorado. Perfazendo novamente a culpa, a tamanha consciência de sua fraqueza, persistindo a angústia:

> "Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão." (ROSA, 1988, p. 37)

O pai finalmente desaparece, talvez por constatar que o filho jamais se salvaria de sua inautenticidade. Mas o filho, do fundo de sua angústia, ainda almeja existir na sua forma mais plena. Persiste em sua impotência, desejando morrer aos olhos da convenção, que ele sempre obedeceu ansiando que esta o deposite numa "canoinha", ou seja, a permanência de um destino embora medíocre, com aparência eminente. Deseja mais uma vez, que o direcionem às grandes águas do rio da existência autêntica. Ele quer preservar sua imagem como se tivesse sido alguém igual ao pai, quer ser lembrado como merecedor da herança deste: "Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, **peguem** em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio afora, rio a dentro — o rio (ROSA, 1988, p. 37). Não compreendeu que essa era uma decisão pessoal. Agindo dessa forma, prevalecia um ser inautêntico sem atingir seu autoconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto "A terceira margem do rio", presente no livro **Primeiras estórias** (1988) de João Guimarães Rosa, analisado sob uma perspectiva filosófico-existencialista, proporciona-nos um repensar a existência num sentido mais profundo. O personagem-narrador do conto reflete o quanto é difícil firmar um compromisso com comportamento autêntico, pois as vivências impessoais do cotidiano na maioria das vezes condicionam-nos à inautenticidade. Partindo de uma leitura crítica da narrativa, refletimos a respeito de vários questionamentos suscitados, entre eles: qual papel estamos desempenhando em nossas vidas.

No decorrer deste trabalho monográfico, constatamos o conhecimento de um personagem convincente diante do que foi traçado como estratégia interpretativa do ser ficcional, vale dizer, estudar os passos existenciais preponderantes de um Ser inautêntico. Ressaltemos nossa conclusão no que diz respeito à conduta do personagem representativo do ser autêntico no conto: o pai, que com sua atitude firme, torna-se um exemplo almejado pelo filho, mas por demonstrar-se um sujeito vacilante em seus posicionamento não alcança a estatura do caráter do pai.

Em nossa análise, evidenciamos os questionamentos que perpassam a mente do filho, refletidos com base no pensamento filosófico-existencialista a fim de entender a personalidade deste personagem: um ser inautêntico, mal resolvido consigo mesmo.

BIBLIOGRAFIA

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ROSA, João Guimarães. **No Urubuquaquá, no Pinhém**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ARANHA, Maria Lúcia A.; MARTINS, Maria H. Pires. **Filosofando – introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.

BRAIT, Bete. **A personagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. 1 ed. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético – filosofia e poesia em Heidegger**. São Paulo: Ática, 1986.

SILVA, Vitor Manoel de Aguiar. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1994.